

SIMONE BRANTES E LAURA LIUZZI

“Potencialmente, sou alguém que está prestes a escrever mais poemas políticos. É muito difícil saber se isso vai acontecer. Por outro lado, penso também que qualquer outro poema que se faça, neste momento, é um poema de resistência. Qualquer poesia é uma poesia de resistência”.

Simone Brantes

“Não há como dissociar a política de cada gesto nosso, de cada palavra que escrevemos. Poesia é um exercício de escolha, de decantação, e a nossa atividade no mundo, também. O tempo todo temos que escolher, e essa talvez seja a coisa mais política que a gente faça”.

Laura Liuzzi

A entrevista abaixo aconteceu durante o IX Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, que teve por título “Poesia, prosa, política” e foi realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro nos dias 11 e 12 de setembro de 2018. Maria Lucia Guimarães de Faria, uma das organizadoras do evento, recebeu as poetas Simone Brantes e Laura Liuzzi para o papo distenso e informal transcrito abaixo. A conversa transitou por assuntos variados, desde questões gerais de poesia e literatura na cena contemporânea até aspectos específicos da poesia de cada uma, suas obras e lidas poéticas.

Simone Brantes, depois de uma incursão pela Pós-Graduação em Filosofia, com mestrado completo e doutorado inacabado, mudou de rumo e tornou-se professora de língua portuguesa do Ensino Fundamental na Baixada Fluminense, atividade que considera fundante em sua vida. Estreou na produção literária com o livro *Pastilhas brancas*, publicado pela 7 Letras em 1999. Em 2002, lançou, pela Editora Moby-Dick, *No caminho de Suam*. Um longo período decorreria até o seu retorno a público, com o livro *Quase todas as noites*, editado pela 7 Letras em 2016. Vencedor da 59ª Edição do prêmio Jabuti, em 2017, na categoria Poesia, o livro parece ser, de uma certa maneira, a culminância de uma grande viagem de vivências, perdas e encontros, que lenta e pacientemente o substanciaram e que, em parte, constituem matéria desta entrevista.

Formada em Cinema e responsável pelo núcleo de vídeo do Instituto Moreira Sales, Laura Liuzzi trabalhou como assistente de direção do documentarista Eduardo Coutinho nos filmes *Um dia na vida*, *As canções* e *Últimas conversas*. Como poeta, foi a autora convidada da Festa Literária Internacional de Paraty, em 2016, integrando a mesa de abertura dedicada à Ana Cristina Cesar. Lançou seu primeiro livro de poemas, *Calcanhar*, pela 7 Letras, em 2016. Seguiram-se *Desalinho*, pela Cosac & Naify, em 2015, e *Coisas*, em 2016, pela 7 Letras. Nas palavras de Luciano Trigo, Laura “não tenta reinventar a roda nem busca o espalhafato”, mas escreve uma poesia que anota “uma certa estranheza diante das coisas” e manifesta uma tentativa sensível de encontro com o mundo e com o outro. Esta simplicidade atenta, interessada e convidativa pode ser colhida de suas próprias palavras, conforme testemunhará o leitor a seguir.

* Professora associada de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Maria Lucia Guimarães de Faria – *O tema do IX encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea é “Poesia, prosa, política”, tema que, se relevante em todos os tempos, mostra-se particularmente pertinente no momento que atravessamos. Gostaria que vocês falassem um pouco sobre as relações que poesia e política podem travar entre si, visando o supremo ideal de que a poesia não fuja de suas responsabilidades éticas, sem, contudo, resignar-se a mero produto de propaganda ou plataforma ideológica. É possível, em primeiro lugar, alcançar esse ideal? Há momentos em que, necessariamente, a balança penderá para o lado participante? Pode-se supor que a participação não envolva uma atuação explícita, mas se pronuncie de modo mais velado, numa emancipação crítica, por exemplo?*

Simone Brantes – É uma pergunta difícil de responder. Quando eu recebi o convite, fiquei me perguntando o porquê de ser convidada, uma vez que o tema “política” nos poemas que publiquei até hoje não aparece com muita frequência, pelo menos explicitamente. No meu último livro, talvez, se possa citar o poema “Entropia”, que fala mais diretamente disso. Depois, pensei também que a política estivesse sendo entendida num sentido mais amplo e que os poemas homoeróticos tivessem decidido um pouco pelo convite feito a mim. Sou professora do Ensino Fundamental em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, há quase dezoito anos. Interrompi meu trabalho, porque vim fazer um doutorado aqui na UFRJ – que concluí em março deste ano – e depois tive a notícia maravilhosa de que eu teria três meses de férias, após a própria licença, para fazer esse doutorado. Assim, eu fiz uma viagem pela Europa que durou três meses e, ao fim dessa viagem, voltei. Eu digo que saí da ilha da fantasia para cair no continente da realidade. Durante o tempo em que fiquei lá,

usei bastante o transporte público e, quando voltei, dizia que iria deixar o carro e iria para o meu trabalho, que fica perto do pedágio de Xerém, de ônibus. Duas vezes por semana, vou até a Central do Brasil, pego um ônibus até o meu trabalho e faço de volta esse percurso da mesma forma. Isso me ajuda a entender o meu próprio corpo como político, porque a precariedade do meu corpo nesse trajeto se confunde com a precariedade dos outros corpos que eu encontro ao longo desse trajeto, nesse momento crítico que a gente está vivendo no Brasil. Meu corpo se tornou um corpo político. Ele sempre foi, mas agora de uma forma muito intensa, na experiência da minha precariedade encontrando a precariedade do outro e, de alguma forma, percebendo muito intensamente essa precariedade. Pergunto-me em que momento isso vai se transformar em poema, mas não sei. Potencialmente, sou alguém que está prestes a escrever mais poemas políticos. É muito difícil saber se isso vai acontecer. Por outro lado, penso também que qualquer outro poema que se faça, neste momento, é um poema de resistência. Qualquer poesia é uma poesia de resistência.

Li recentemente um texto muito bonito, de uma prosadora e poeta alemã chamada Herta Müller, em que ela fala sobre o círculo vicioso das palavras. Herta é filha de camponeses e, quando saía de casa pela manhã, chegava ao portão e a mãe perguntava a ela pelo lenço, se ela havia lembrado de levar o lenço. Segundo a poeta, esse era o único gesto daquela mãe camponesa – com certa brutalidade no seu modo de se relacionar com os filhos – que demonstrava carinho. Todo dia, então, ela esquecia o lenço, para que pudesse voltar e receber o carinho daquela mãe. O lenço reaparece em determinado momento da narrativa dela, porque ela é uma poeta que viveu sob a ditadura na Romênia, no pós-guerra, e trabalhou como tradutora

numa fábrica de máquinas de produção hidráulica. No terceiro ano de trabalho, ela recebe a visita de um agente secreto romeno que quer transformá-la em espiã, a que ela se nega terminantemente. A partir desse momento, ela começa a ser perseguida dentro da fábrica. Eu acabei de defender uma tese sobre Kafka e vi exatamente, incorporadas ali, todas aquelas situações de *O processo*, *O castelo*. Quer dizer, ela começa a ser perseguida na fábrica. Todo dia, o diretor pergunta se ela já está procurando outro emprego e, um dia, chegando ao escritório, há outra pessoa ocupando o seu lugar. Todos os dicionários dela estão do lado de fora, mas ela não quer ser demitida, então ela se aloja na escada. De repente, ela percebe que há um lenço no seu bolso, então ela tira esse lenço do bolso, cobre o degrau da escada, senta sobre esse lenço e diz: O lenço se transforma no meu escritório.

Esse lenço vai reaparecendo na narrativa dela em várias situações. Ela fala que, em determinados momentos de existência sob a opressão, a palavra tem que partir da cabeça, pular por sobre a boca e ir direto para a mão. Acho que é isso que estamos vivendo cada vez mais. Nossa palavra tem que fazer esse salto sobre a boca, sobre a articulação e ir direto para as mãos. Os poemas vão surgindo dessa mesma forma, desse círculo vicioso das palavras. Não tenho a pretensão ou ilusão de que a poesia é revolucionária, de que a poesia vai mudar uma situação política. Agora, a poesia pode nos fortalecer de alguma forma. Neste momento, sinceramente, nós precisamos sobreviver, precisamos reinventar esse escritório, estendendo esse lenço – que é o fruto de um objeto de carinho – sobre o degrau da escada. É isso. Do jeito que a gente ainda consegue fazer poesia, ela nos fortalece. Eu acredito que o momento em que você faz poesia é o momento em que você instaura uma experiência de solidão. Uma solidão que precisa ser vivida pelo outro, que exatamente é o outro

que está privado do momento dessa solidão, que é uma solidão produtiva.

Laura Liuzzi – Bom dia a todos. Obrigada pelo convite. É muito importante estar aqui agora. Hoje. Não são dias tranquilos. Não sei se é mais propício escrever poesia em dias intranquilos. Para algumas pessoas, deve ser. Para outras, não. Para mim, não tem sido nada fácil lidar com essa realidade confusa, estranha. Não é o estranho que dá vontade de escrever, é o estranho que dá vontade de mudar, de transformar, de nem ver, talvez. Eu não sei transformar isso na poesia. Tenho um poema, não publicado em livro, que fiz no dia seguinte ao processo do Impeachment na Câmara, e acho que se chama “Ressaca de 17 de Abril de 2016”. Ali, eu estava completamente impressionada com o que tinha visto. Acompanhei bastante coisa e lembro de que estava almoçando na casa do Paulo Roberto Pires, um amigo que é professor aqui, nós deixamos a televisão ligada com o volume alto e fomos ouvindo aquele show de horrores. Ali, sim, consegui escrever um poema no dia seguinte. Era um poema especificamente sobre aquilo. Não cita nominalmente nada, a não ser no título, porque essa data marcou a história do nosso país.

Assim como a Simone, não sei o quanto consigo ver de um gesto político, no sentido em que a gente está vivendo a política hoje, no que escrevi no meu primeiro livro, cujos poemas datam do começo dos meus vinte anos, ou no segundo, com poemas da segunda metade dos meus vinte anos. Um livro é de 2010, o outro, de 2014. Não consigo ver, mas, é claro, não há como dissociar a política de cada gesto nosso, de cada palavra que escrevemos. Poesia é um exercício de escolha, de decantação, e a nossa atividade no mundo, também. O tempo todo temos que escolher, e essa talvez

seja a coisa mais política que a gente faça. É necessário ter uma ação mais participativa na sociedade. Essa micropolítica existe, mas também podemos fazer coisas que mexam mais na estrutura, e isso é importante. Quanto à poesia, primeiro é importante dizer que a gente não escreve para ninguém, não é, Simone? (risos). Não escrevemos pensando exatamente em quem lê, senão seria uma escrita muito interessada e ela é bastante desinteressada. O poema nasce não sei de onde, não sei por que, mas, desculpem, certamente não é pensando em vocês. Ele não tem essa intenção, de cara, mas que ele é político, certamente ele é, porque a poesia, como vocês já disseram, é uma resistência.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Como vocês veem a situação da poesia brasileira na cena contemporânea? Chamo “cena contemporânea” o atravessamento de questões artísticas e culturais a que assistimos no mundo de hoje. Como esta cena invade e permeia a produção poética? Como, inversamente, a variada poesia que se pratica atualmente intervém nesta cena e a transforma? Especialmente, eu gostaria de saber de vocês se os debates que animam a literatura e o seu entorno com questões raciais, de gênero e de minorias repercutem não apenas no aspecto temático da poesia que se amplia, mas também alenta a experimentação estética no campo mais estritamente da forma.*

Laura Liuzzi – Talvez eu esteja me contradizendo, mas esse é um bom momento na poesia. Embora esteja difícil escrever, tem sido uma delícia ler. Há uma produção de poesia formidável. Tento acompanhar o máximo que posso e acredito que nossos pares estão fazendo um belíssimo trabalho. Muita gente tem escrito coisas importantíssimas, tocando nesses temas todos. Principalmente agora, de uns dois anos

para cá, todos esses temas que você mencionou estão sendo tratados de uma maneira muito incisiva. A poesia tem se colocado como uma voz de resistência e enfrentamento.

Esses movimentos também são importantes porque se perde um pouco aquela ideia de que você escreve para ser lido depois de morto. As pessoas estão escrevendo para serem lidas agora. Não há tanto essa preocupação quanto ao futuro ou quanto à produção de algo que vá perdurar por anos e anos. Aliás, por que não acreditar que isso que produzimos agora vai sobreviver por anos e anos também? O que importa é que isso não está na pauta e não está na atitude de quem está escrevendo esse tipo de poesia. Nesses casos, sim, escreve-se para o outro. É uma poesia que tem uma intencionalidade clara e uma penetração numa parcela mínima da sociedade, mas qualquer mínima parcela já é alguma coisa. Ter leitor, a propósito, já é uma coisa maravilhosa.

Há o problema de existirem muitos livros e poucos leitores, e essa é uma dificuldade que enfrentamos desde sempre, num país como o nosso. No entanto, sinto que essa leitura está se ampliando, talvez porque a poesia tenha saído daquele pedestal de falar de uma maneira muito empolada ou de coisas muito etéreas. Agora, estamos pisando mais no chão, falamos do que é imediato, do que toca e do que arranha. Verdadeiramente, estamos inscritos no nosso tempo. Não sei se vocês concordam, mas eu tenho sentido que a produção feita hoje é muito bem-sucedida nesse aspecto de falar dos temas que são importantes agora, de uma maneira muito concreta, objetiva e esperta. Não é uma coisa unicamente panfletária, mas consegue dar conta de misturar o próprio da poesia – que eu não sei o que é, se alguém souber, me conte – com essa coisa mais circunstancial, que diz mais do nosso tempo e que, ao mesmo tempo, não é apenas sobre o nosso tempo.

Simone Brantes – Eu não diria nada diferente do que a Laura disse. Publiquei meu primeiro livro, meio no susto, em 1999. É impressionante a comparação do que era o ambiente da poesia naquela época e do que é hoje. Falando de uma forma meio caricatural, tínhamos “centros de poder”, e a poesia era muito determinada a partir do que cada um considerava ser a poesia. Isso acabou. Esse poder foi absolutamente pulverizado. Não existe, hoje, um poeta que possa dizer “Isso é poesia e o que não é feito assim não é.”. Essa é uma discussão que acontece todo dia. No Facebook, por exemplo, estamos imersos o tempo inteiro nessa discussão. Já aconteceu, inclusive, de nascer uma poesia ali, no olho do furacão. A poesia, hoje, é uma coisa que está em disputa o tempo inteiro e não há possibilidade de se fazer uma afirmação do que ela é. Esse é um tempo riquíssimo para a poesia. É incrível que reconheçamos a sua impotência, de que modo ela pode ou não interferir na política, mudar alguma coisa na realidade e, ao mesmo tempo, pensar que esse momento que vivemos – que é um tempo tão terrível – seja justamente um momento em que surgem tantas leituras de poesia, tantos livros, tantas discussões. É um momento terrível e maravilhoso ao mesmo tempo. As pessoas que estão escrevendo nutrem um pouco essa esperança de que sua produção vá causar alguma repercussão ou uma continuidade, mas não existe mais essa ideia de Panteão. Há um poeta no Facebook, cujo nome não posso dizer, super-ressentido, porque ele gostaria que isso ainda existisse. É um cara que fica lá dizendo que tudo é ruim, que nada presta, em uma nostalgia desse Panteão que não existe mais. É incrível que a poesia entre nós seja tão mais forte quanto menos você possa dizer quem é o poeta. Quem é o Drummond? Quem é o João Cabral de Melo Neto? Quem é o Murilo Mendes? Isso hoje é impossível.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Se vocês olharem para trás na poesia brasileira desde o seu nascimento com o Barroco, no século XVII, o que diriam que a poesia contemporânea traz que constituiria a sua marca própria? Há um traço ou conjunto de traços especificamente contemporâneos? Se agora fizermos o exercício inverso, para daqui a uns bons cem anos, qual terá sido, na opinião de vocês, a contribuição que a poesia de hoje terá deixado no solo poético brasileiro? Por fim, dentro dessa ordem de questões, como vocês veem a vocês mesmas e à poesia de vocês dentro do contemporâneo?*

Simone Brantes – O que chega da poesia brasileira de décadas atrás já é alguma coisa que passou por um filtro. No contemporâneo, eu estou diante de uma multiplicidade de poetas e de modos de fazer poesia sem saber se haverá um filtro e o que ficará depois desse filtro. Comparando com a década de 1980, 1990, temos hoje uma liberdade muito grande de fazer os mais diversos tipos de poesia e uso do verso. Vejo muito do contemporâneo nessa flexibilidade, nessa liberdade de escrever o que você quiser, uma vez que está em jogo “o que é poesia”. Não sei se isso esteve em jogo de forma tão radical antes como está agora – talvez até pelo fato de a poesia ter sido privada de um poder que parece que ela teve antes. Então estamos um pouco como crianças livres brincando.

Não sei o que ficará disso para o futuro, mas eu gosto de não ter esse compromisso. Quanto mais fraca, mais forte a poesia se torna, nesse sentido de que ela não tem poder nenhum. Talvez seja uma ilusão minha achar que o Drummond ou que a poesia do Bandeira tenha tido algum poder, mas a gente faz essa comparação.

Laura Liuzzi – Concordo com absolutamente tudo o que você disse. É difícil saber o que vai ficar. Graças a Deus, você não está preocupada

com isso e eu também não estou. Em relação à poesia dos outros, eu espero que fique. Quanto à minha, não tenho a menor pretensão de nada. Só quero conseguir continuar escrevendo, porque me faz bem.

Para começar, tenho que me desculpar aqui. Morro de inveja de vocês que estudam Letras, porque não estudei e adoraria ter estudado. Formei-me em Cinema e talvez isso explique a minha gagueira aqui. Não consigo falar de forma tão clara sobre o assunto, mas, pensando no que está sendo feito agora, principalmente considerando a Internet, o Facebook e todas as outras plataformas em que as pessoas se expressam, vejo que, por um lado, há uma espécie de diarreia verbal, mas há também a circulação do pensamento, das ideias, das formas de escrever. As pessoas foram se estimulando porque as coisas foram ficando mais claras, mais democráticas, transparentes. Há poetas que moram muito distante de mim e que eu provavelmente nunca conhecerei, mas sei como escrevem. A Internet transformou essa produção tanto pelo fato de passarmos a ler mais o que está sendo escrito, quanto pela influência direta no modo como as pessoas estão escrevendo e pela facilidade que temos de acessar qualquer conteúdo. Essa profusão de vozes nos fez entender que a nossa voz é também a voz do outro. Estamos podendo ver e ouvir muito mais do que se via e ouvia antes. A forma da poesia vem sendo muito influenciada por essas múltiplas vozes e, assim, o nosso trabalho é um pouco o de organizar ou desorganizar esses discursos. Para mim, o que importa na poesia, quando leio ou escrevo, é que eu possa olhar e escutar as coisas de outra forma. Nesse ponto é que eu considero a poesia muito forte, porque você passa a ter uma percepção diferente das coisas. O discurso do outro bate em mim. Precisamos dessa abertura.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Dentro da proposta de ir do mais geral para o mais particular, eu gostaria que vocês falassem do percurso poético de vocês, do início, primeiros poemas, primeiro livro, da maturação para escrever, das hesitações, dos tropeços, das metas. Vocês poderiam citar um poema de vocês no qual consideram que acertaram a mão, mesmo que provisoriamente? E nesse caso, por que a sensação de acerto? Quais são o maior prazer e o maior terror ao escrever? O que dizer – Laura, a imagem é sua – do “pasma da folha”? Houve aquele poema que não quis sair de jeito nenhum? Que meio veio, mas voltou e não houve força na Terra que o trouxesse à luz? Qual é a maior lição que se extrai de cada fracasso, talvez – Simone, a imagem é sua – “montar no próprio tombo”?*

Simone Brantes – Publiquei um livro em 1999, o *Pastilhas brancas*. Eu já tinha alguns poemas anteriores, talvez uns três, quatro poemas e já os tinha mostrado aqui na Letras, no fundo de uma sala, para o Carlito, com meu caderno verde, da Papelaria União, que não existe mais. Nós éramos colegas de Graduação e ele fez uns comentários muito legais. Um dia, eu o encontrei na Mesbla, que era a minha loja preferida. Ele me perguntou se eu continuava escrevendo e me incentivou a escrever mais. Na época, eu fazia doutorado em Filosofia e meu grande problema era que eu tinha alguma facilidade para escrever e muita dificuldade para falar. Achava terrível ter que defender o meu trabalho na Filosofia, com aquela discussão toda em torno da verdade. Fui a um encontro da ANPOF, o grande congresso da Pós-Graduação da Filosofia, para apresentar um trabalho sobre Descartes. Em algum momento, uma senhora na plateia começou a me fazer perguntas e aquelas perguntas dela me deixaram muito irritada, porque eu detestava responder perguntas. Eu queria chegar com meu trabalho, todo mundo achar lindo e pronto. Lembro-me de

que fui muito grossa com ela. Depois, eu a reconheci, era a Marilena Chauí e no final ela se aproximou de mim, elogiou o meu trabalho e não exatamente a estética dele. Ali, eu decidi que não queria mais brigar, que não queria discutir – ingênuo –, que iria fazer poesia.

Eu terminei esse meu primeiro livro em que não sei se acertei em cheio, mas que tem poemas dos quais não me envergonho, pelo menos. Bom, ali há um poema que se chama “Pastilhas brancas”, poema que dá título ao livro. Participando de uma mesa há um tempo, eu disse que esse poema carrega o livro nas costas. Claro, gosto muito dele, mas a repercussão dele foi muito grande. Eu escrevi esse livro em 1999 e só publiquei novamente em 2016. Quase todas as pessoas que conheciam a minha poesia, lembravam-se desse poema, então eu acho que acertei a mão nele.

Quanto aos troços, nossa, de 1999 até 2016... Foram acertos que dependeram de troços.

Recentemente, participei de um congresso na Itália e uma das organizadoras me mandou uma entrevista em que me perguntava se eu achava que para ser tradutor de poesia era necessário ser poeta. Eu disse que sim, mesmo que você não escreva poesia. Quando traduz, se acertar a mão, você é poeta. Eu não tenho a menor dúvida quanto a isso. Como tradutora, a alegria que eu tinha ao traduzir um poema era tão grande quanto a alegria que eu tinha em escrever um poema. Eu não entendia muito essa melancolia do tradutor, essa coisa da poesia intraduzível, porque o poeta também não consegue escrever todos os poemas que ele quer escrever e, ao contrário do tradutor, ele não tem nem acesso ao original.

Eu gostava de pensar que a cada insucesso na tradução de uma poesia, eu conseguia traduzir outra lá na frente, e com o poema é a mesma coisa. Todo acerto na poesia ou na tradução depende dessa

tentativa que fracassa. Toda poesia carrega em si um fracasso. Cada poema escrito traz nele todos os poemas que não foram escritos, todos os nossos fracassos. Eu gosto muito de pensar hoje, não na poesia concluída, mas justamente nesse intervalo entre o escrito e o não escrito, entre a vida e a poesia. Acho que a poesia é o grande encontro do acerto e do fracasso.

Laura Liuzzi – Eu comecei a escrever naquela empolgação, aos dezessete, dezoito anos. Eu ficava deslumbrada com tudo, pensava que a vida era um grande acontecimento, achava correspondência entre as coisas. Meu primeiro livro tem um pouco disso, uma menina deslumbrada percebendo conexões entre as coisas, e acho que essa é uma coisa que a poesia faz, porque o poema nasce quando percebemos a relação quase inesperada entre duas coisas. Meu primeiro livro, *Calcanhar*, de 2010, nasceu um pouco dessa vontade de experimentar e brincar com a linguagem. Não é nada vanguardista. É até bem certinho, mas os poemas são muito diferentes entre si. Depois, eu escrevo um outro livro que se chama *Desalinho* e, no título, eu já estava explicando que não consigo fazer nada muito coerente, que é tudo meio desalinhado mesmo. Eu não tenho essa coisa de ter a minha voz, o meu estilo. A cada hora, o poema vem de um jeito. O título nasceu de uma conversa também com o Carlito, em Paraty. No livro, há um poema sobre esse encontro. Paraty tem aquelas pedras enormes em que você acaba andando meio trôpego, e o tropeço, nesse ponto, se assemelha ao desalinho, porque o desalinho também é uma espécie de fracasso, o fracasso da linha, de manter uma reta. Eu achei que o título tivesse vindo daí, mas depois percebi que ele saiu do poema do Carlito, que tem a palavra desalinho. Nós estávamos conversando sobre quebra. Ele me disse “Laura, eu acho que você já

quebrou. Muitos poetas da sua geração estão escrevendo muito, mas já quebraram”, e aí fomos conversando sobre aquilo, sobre o que é uma pessoa já ter quebrado. Depois, lembramo-nos daquele poema do Drummond que é curtinho e que fala dos cacos, da louça que se quebra e que não se reconstitui. Eu coloco um pouco isso, de algum modo, dentro desse poema, porque talvez eu estivesse querendo falar sobre certa incomunicabilidade, sobre até que ponto o que a gente escreve é o que a gente pensa. Será que o poema que eu escrevo está alcançando o que eu quero dizer? É muito difícil que a palavra dê conta, mas, às vezes, essa palavra supera a experiência, é um grande êxtase. Quando isso acontece, a gente escreve e parece que a palavra é que está te explicando. É raro acontecer, mas acontece. Eu não saberia dizer se eu acertei em algum deles. É difícil dizer que consegui “chegar lá”, mas existe sim o sentimento de alívio, quando a gente sente que escreveu e que aquilo, de certa maneira, te explica o que estava acontecendo. O primeiro poema que está em *Desalinho* é um poema curto chamando “Vontade”, um poema do qual eu ainda não me arrependi. Ele fala muito de mim, de uma vontade de não ser percebido. Uma vontade de entrar em casa e de que nada note a minha presença, que eu coloque uma coisa sobre uma superfície e não emita sons, que o cachorro da vizinha não lata, que ninguém perceba que eu estou ali. Essa é uma coisa que eu tenho desde pequenininha, uma vontade de ser invisível. Talvez, ali, eu tenha conseguido expressar um pouco esse desejo profundo, que eu acho que não vai me abandonar nunca.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Minha última pergunta é um pouco mais técnica. Ali, por volta de 1886, com o aparecimento do verso livre, Mallarmé ficou profundamente perturbado. Uns sete anos depois,*

ele disse em uma conferência: “Trago novidades das mais surpreendentes. Caso igual não se viu ainda. Mexeu-se no verso. Os governos mudam. Sempre a prosódia permanece intacta. Convém falarmos disso, porque o verso é tudo. Desde que se escreve”. Eu pergunto: como é a relação de vocês com o verso? Como vocês o trabalham? Como se dá, na sua lida poética, a modulação do ritmo? O que determina o corte, a cesura ao final de cada linha? Penso, por exemplo, que alguns dos poemas da Laura parecem uma longa frase segmentada e alguns da Simone, por sua vez, soam profundamente proseados, embora dispostos em versos, enquanto alguns textos são já apresentados como pequenos poemas em prosa.

Laura Liuzzi – Com certeza eu não tenho nenhum método. Passo muito mais por um processo intuitivo. Na escrita de poesia, o verso produz ambiguidade quando escolhemos em que lugar ele deve parar e pensamos se o verso livre terá essa continuidade no verso seguinte ou não. Às vezes, você não sabe. Deixar essa dúvida no leitor é, para mim, a grande conquista do verso livre, porque essa é uma dúvida em mim. Às vezes, é uma coisa muito visual também. Não pela mancha gráfica, mas pela imagem do poema ou pela própria sonoridade. No meu caso, é muito mais por certa ambiguidade, certa estranheza, até. Por que eu estou lendo em verso e não em prosa? Tem relação com isso que você falou, sobre parecer uma longa frase. Parece, mas não é. Poderia ser. Você poderia ler seguido, mas por que parou ali? Talvez eu não tenha uma explicação exata sobre isso. Há alguns poemas em que você percebe essa necessidade. O próprio poema te joga para o verso seguinte, mas eu acho mesmo que é muito por essa dúvida na leitura, no que eu quero dizer. Às vezes, muda o sentido se você lê de um modo ou de outro. Essa pontuação que ora aparece e ora não aparece também

provoca muita ambigüidade. Isso dá uma liberdade para a leitura e para quem escreve. Há momentos em que você tem certeza de que é ali que tem que parar. O que dá essa certeza, eu não saberia dizer, mas, às vezes, não temos dúvida nenhuma de que aquela outra palavra tem que estar no outro verso.

Uma coisa de que não gosto e fiz questão de tirar dos dois livros era a vírgula pendurada no final de qualquer verso, porque eu não vejo sentido em ter uma vírgula no final se eu já vou para outro verso.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Mas você tem um poema que termina com uma vírgula e que é superinteressante.*

Laura Liuzzi – Sim, é o único. Engraçado você reparar isso. Incrível. Que leitora! Ali, claro, fica evidente que não é por acaso. É um poema em que eu falo sobre a minha infância.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Aquela vírgula é bem achada, combina com o título. Mostra a continuidade.*

Laura Liuzzi – Essa é uma vírgula muito pensada, porque a criança não termina também, não é? Ela é tudo que vem depois. Espero que eu nunca abandone a minha infantilidade e que fique cada vez mais infantil. Que eu fique velhinha e brinque. Acho a vírgula desnecessária quando vamos quebrar o verso, porque a própria quebra do verso subentende uma pausa. E, às vezes, não tem uma pausa, o que provoca essa confusão na leitura. Quando não há pontuação, você pode ler de duas formas completamente diferentes ou mesmo opostas.

Simone Brantes – É difícilima essa pergunta exatamente porque demanda uma reflexão que às vezes parece muito intuitiva.

Começando pelo que você observou no livro, penso que às vezes existe uma distância muito grande entre os poemas. Há um poema no *Quase todas as noites* que era originalmente em prosa. Eu mandei esse poema para o Caio Meira, que é um poeta decisivo para a publicação desse livro, que fez a foto, a orelha, enfim, me ajudou muito na organização – aliás, acho que sem ele esse livro não teria saído –, e ele viu ali uma potência diferente, uma potência dos versos, num texto em prosa.

Nesse poema, então, houve o trabalho de ver onde estava a pausa, mas nos outros poemas não, pois eles surgem a partir de um primeiro verso que é uma condensação de alguma coisa que aparece na cabeça, que, por sua vez, é uma unidade de sentido e ritmo, e os outros versos são desdobramentos dele. Aí eu acho que a quebra é uma quebra natural, que eu não preciso pensar. O grande trabalho é o trabalho de desdobrar essa unidade e de levá-la até o fim. Muitas vezes essa unidade se perde e outras vezes ela chega ao último verso que desfaz essa necessidade do desdobramento.

Há essa dualidade no livro, porque há poemas que são mais trabalhados nesse sentido e em outros acontece essa coisa mágica. Não sei se sou boba de falar isso, mas acontece. Ali eu simplesmente sei.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Há um poema em prosa no seu livro falando sobre mudar de casa. Ele é muito bonito e me parece muito adequado que seja um poema em prosa.*

Simone Brantes – Sim, é o poema “Mudança”. Ele nasceu como prosa e vai ficar assim, mas em outros poemas, não acontece dessa

forma. No poema “Sonham-se”, por exemplo, eu não parei para trabalhar isso. Na verdade, ele tem uma primeira parte toda que se enquadra nesse verso que surge e que vai sendo desdobrado, sem parada, e outra parte mais prosaica, em que eu tive que parar e pensar. É muito misterioso tudo isso.

Maria Lucia Guimarães de Faria – *Gostaria de agradecer a vocês pela participação e agora passaremos às perguntas da plateia.*

Convidado A – Simone, eu fiquei bastante curioso quanto ao motivo desse hiato entre o primeiro e o segundo livro. O segundo livro traz poemas que foram escritos durante esse percurso todo ou houve uma pausa e retomada?

Simone Brantes – Eu gostaria de ler o poema que começa o segundo livro:

Die Aufgabe

Chegar em casa um pouco mais
do que cansada e puxar ainda assim
e aos poucos o fio longo da mortalha
até fazer da noite sair enfim um dia
dentre todos os dias a morrer na praia

(De *Quase todas as noites* [2016, 7Letras])

Quis citar esse poema porque ele é interessante para falar do percurso do livro. Bom, esse doutorado em Filosofia, que mencio-

nei, foi um doutorado que abandonei. Depois, fui trabalhar muito. Trabalhei na editora da UFRJ e me transformei em professora de língua portuguesa, na Baixada. Eu tinha pouco tempo e foram anos em que foi muito difícil me conectar com a poesia. Nessa época, eu escrevia assim, puxando o fio longo da mortalha e sem saber o resultado disso, porque, às vezes, esse dia era um entre todos os dias a morrer na praia.

Digo que algumas perdas abriram uma brecha nesse tempo impossível para a poesia. No livro *Quase todas as noites*, a primeira seção fala de perdas e mortes. Você pergunta se ele foi escrito ao longo desses anos ou se teve um determinado tempo em que a coisa acelerou. Houve um momento em que eu consegui uma licença para fazer um doutorado e aí sim retomei e concluí o livro. Isso é engraçado, porque a mesma coisa que cria um obstáculo para a poesia também se torna a fonte da poesia.

Para mim, a poesia existe entre a vida, que cria também impossibilidades de escrever, e a escrita. Mas é isso: ele foi escrito em dois momentos diferentes. Um momento de briga para puxar o longo fio da mortalha e um momento mais propício, em que eu tive mais tempo me dedicando ao doutorado, à leitura, à escrita. Isso é fundamental.

Li uma entrevista, recentemente, em que o poeta diz que para ele a escrita vem antes da leitura. Para mim, não. Para escrever eu preciso, obrigatoriamente, estar conectada à poesia.

Convidado B – Laura, eu achei muito interessante o que você falou sobre o processo de desalinho, de quebra, quando você falou sobre essas aberturas na sua escrita. Gostaria que você comentasse sobre como se dá esse processo de escrita quebrada, como isso funciona.

Laura Liuzzi – Obrigada pela pergunta. Na verdade, na conversa que aconteceu com o Carlito, nós não falávamos de desalinho e quebra no sentido da quebra do verso, mas de uma quebra da experiência pessoal, localizada ou não, quando você sente que a vida, ali, teve uma fissura. Isso é o que me move. Talvez eu seja mais movida pelo fracasso do que pelo sucesso. Interesse-me pelo fracasso, pela quebra, pela fissura, pelas coisas que não se recompõem, pelas coisas que percebemos que não são tão inteiras. Notar as coisas dessa maneira é que me leva a pensar e escrever. É nesse sentido que falei sobre quebra, menos quebra do verso, mas talvez a quebra do verso esteja um pouco aí também, em quebrar o verso como um pensamento em si, deixá-lo um pouco mais mutilado.

Convidado C – Simone, como é essa coisa de passar a Literatura para os alunos e como você incentiva a escrita criativa nos alunos?

Simone Brantes – Eu participei de uma mesa com o Carlito há uns meses atrás e fiquei muito feliz, porque ele falou da experiência que teve em algumas oficinas. Primeiro, na Casa da Leitura e, depois, no Alemão, na Rocinha. Ele disse que inicialmente não sabia muito bem o que fazer e que pegou um jornal, viu a história de um acidente de van e propôs aos alunos que cada um escrevesse do ponto de vista de um dos envolvidos nos acidentes. Entre os alunos, apareceu uma mulher que disse querer escrever na perspectiva do motorista da van, mas ele não estava registrado ali na notícia. Ela, então, disse: mas eu o conheço. Ele é meu marido. Acontece esse tipo de coisa. Eu dei aula muito tempo no EJA e, quando o Carlito contava essa história, eu ficava pensando que aquilo era muito parecido com o que acontecia comigo.

Há um livro do Paul Auster chamado *Achei que meu pai fosse Deus* e ele tinha um programa de rádio em que convocava as pessoas a enviarem histórias pessoais para ele ler ao vivo. Quando você lê o livro, percebe que há uma unidade estética ali e que ele deve ter trabalhado um pouco. Eu levava esses textos para os meus alunos e eles contavam suas histórias.

Uma coisa que eu acho que está acontecendo agora, a partir de todas essas questões identitárias, é essa necessidade de conectar a literatura à vida. Isso era algo que eu conseguia fazer, porque era a única possibilidade que eu tinha de trabalhar, olhando o texto literário sempre conectado à vida dos alunos. As produções sempre encaminhavam os alunos para contarem essas histórias, falarem de suas vidas. É um pouco nesse sentido que eu trabalho com eles lá na Baixada Fluminense. Saem coisas maravilhosas.